

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA

CENTRO DE HISTÓRIA
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Editor Principal:

NUNO SIMÕES RODRIGUES

FICHA TÉCNICA

Editor Principal / Editor-in-chief: Nuno Simões Rodrigues

Editores Adjuntos / Co-editors: Amílcar Guerra; Luís Manuel de Araújo

Assistentes de Edição / Editorial Assistants: Catarina Almeida; Eduardo Ferreira; Maria Fernandes; Martin Aires Horta; Tiago de Oliveira Alves

Redacção / Redactional Committee: Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa); Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa); Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa); Maria de Lurdes Palma (Universidade de Lisboa); Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa); José das Candeias Sales (Universidade Aberta); António Joaquim Ramos dos Santos (Universidade de Lisboa); Rogério Sousa (Instituto Superior de Ciências da Saúde); Ricardo Tavares (Universidade de Lisboa); Cláudia Teixeira (Universidade de Évora); Maria Ana Valdez (University of Massachusetts Lowell)

Comissão Científica / Editorial Board: Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano); John J. Collins (Yale University); Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico); Ken Dowden (University of Birmingham); José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra); Francolino Gonçalves (École Biblique et Archéologique Française de Jérusalem); Judith P. Hallett (University of Maryland); Lloyd Llewellyn-Jones (University of Edinburgh); Antonio Loprieno (Universität Basel); Josep Padró (Universitat Autònoma de Barcelona); Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa); José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa); José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid); Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra); Giulia Sissa (University of California, Los Angeles); Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid); Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas)

Arbitragem científica para a presente edição / Peer-reviewers for the current edition: Alberto Bernabé (Universidad Complutense de Madrid); José Luis Brandão (Universidade de Coimbra); Maria Cecilia Colombani (Universidad Nacional de Mar del Plata); Jose Miguel Serrano Delgado (Universidad de Sevilla); Paula Barata Dias (Universidade de Coimbra); Radcliffe Edmonds III (Bryn Mawr College); Thomas J. Figueira (Rutgers University); Roxana Flammini (Pontificia Universidad Católica Argentina); Rodrigo Furtado (Universidade de Lisboa); Marta González González (Universidad de Málaga); Helen King (Open University); Delfim Leão (Universidade de Coimbra); Fábio de Souza Lessa (Universidade Federal do Rio de Janeiro); Armando Martins (Universidade de Lisboa); Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa); Ana Elias Pinheiro (Universidade de Coimbra); José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa); Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra); Cláudia Teixeira (Universidade de Évora); Francisco Martín Valentín (Instituto de Estudios del Antiguo Egipto); Angélica Varandas (Universidade de Lisboa)

CADMO - Revista de História Antiga
Centro de História da Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Alameda da Universidade, 1600-214 Lisboa
cadmo.journal@letras.ulisboa.pt
<http://www.centrodehistoria-flul.com/cadmo.html>
<http://www.centrodehistoria-flul.com/cadmo-english.html>

Execução gráfica: Sersilito-Empresa Gráfica Lda.

Tiragem: 150 exemplares

Periodicidade: Revista Anual

Depósito Legal: n.º 54 530/92

ISSN: 0871-9527

Preço de venda ao público: €10.00

This work is funded by national funds by FCT – Foundation for Science and Technology under project UID/HIS/04311/2013



This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

SUMÁRIO

Estudos

<i>José das Candeias Sales</i> Serpentes na colecção egípcia do Museu Calouste Gulbenkian	9
<i>Maria Cecília Colombani</i> La relación saber-poder-verdad en los Antiguos	31
<i>Isaque Pereira de Carvalho Neto</i> Mistério e repetição no mito de Ísis e Osíris.	51
<i>Filipe do Carmo</i> As Tiránias Sicilianas do Início do século V a.C. Aspectos Ideológicos do Poder. Parte III- Hieron.	69
<i>Gustavo Garcia</i> “That sickly and sinister youth”. The first considerations of Syme on Octavian as a historical figure	87
<i>Carla Susana Vieira Gonçalves</i> Tácito e o capítulo 42 do <i>Agricola</i>	111
<i>Paula Barata Dias</i> A Serpente Tartaruga. O testemunho de <i>O Fisiólogo</i> acerca dos monstros marinhos e da baleia	123
Recensões	143

ESTUDOS

SERPENTES NA COLECÇÃO EGÍPCIA DO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

SERPENTS IN THE EGYPTIAN COLLECTION OF MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN*

JOSÉ DAS CANDEIAS SALES

Universidade Aberta, CHUL

Jose.Sales@uab.pt

Resumo: Tendo presente que a serpente é o animal mais representado na arte egípcia, efectuamos neste texto o levantamento e tratamento das serpentes existentes nos objectos expostos da colecção egípcia permanente do Museu Calouste Gulbenkian – Lisboa, bem como nos constantes nas reservas, através de uma grelha dupla: serpentes-hieróglifos e serpentes-insígnias, incluindo neste último grupo as serpentes-*uraeus* usadas por faraós e deuses nas suas fronteiras e as serpentes solarizadas de protecção a monumentos/edifícios.

Palavras-chave: serpentes, arte egípcia, Museu Calouste Gulbenkian.

Abstract: Bearing in mind the fact that the serpent is the most represented animal in Egyptian art, this text aims to identify and deal with the serpents existent in the displayed objects of the permanent Egyptian collection of the Museu Calouste Gulbenkian – Lisbon, as well as the ones in the reserves, through a double analysis: hieroglyphic serpents and insignia serpents, the latter including the *uraeus* serpents used by pharaohs and gods on their foreheads and solarized serpents for the protection of monuments/buildings.

Keywords: Serpents, Egyptian art, Museu Calouste Gulbenkian.

A serpente é o animal mais representado na arte egípcia. Expressão material de profundas e antiquíssimas crenças, as diversas representações egípcias de serpentes testemunham a consideração atenta, cuidadosa e até reverencial que os antigos Egípcios lhes dedi-

* Submissão: 30/01/2015; aceitação: 05/05/2015.

caram. Prestigiadas e altamente simbólicas, as serpentes (em egípcio, *hefau*) encontram-se entre as forças do mundo natural egípcio (como o Sol, por exemplo) dotadas de *coincidentia oppositorum*, ou seja, capazes de revelarem, alternada ou simultaneamente, a sua estrutura *sui generis* mais profunda, benévola e terrível, criadora e destruidora, manifesta e virtual, boa e colérica. Na serpente reúnem-se ou coincidem valores contrários, anulam-se atributos e exprime-se, assim, o paradoxo da realidade divina¹.

Com este modelo mítico, é absolutamente compreensível que os antigos Egípcios tivessem divinizado muitas das serpentes da sua fauna ou usado o seu princípio simbólico para o associarem a divindades do seu panteão. São muitos, realmente, os casos de divindades serpentiformes ou herpetocéfalas que se podem reconhecer e identificar em testemunhos iconográficos e textuais do antigo Egipto: Apopis, Meretseger, Uadjit, Heket, Hehet, Nunet, Amonet, Renenutet, Neseret, Hu, Nepret, Neheb-kau, Mehen, Agathodaimon...²

Os casos iconográficos de serpentes que nos surgem repertoriados abrangem todos os tipos possíveis de representação: zoomorfismo total ou bimorfismo (corpo humano com cabeça animal – o mais frequente – ou corpo animal com cabeça humana).

Subjacente ao fenómeno de deificação da serpente ou da sua utilização ao serviço das divindades do panteão egípcio está uma atitude de *captatio benevolentiae*: a tentativa assumida de captar as energias e forças dinâmicas associadas às serpentes, de molde a que ajam, sobretudo, como elementos benfazejos em proveito da comunidade humana egípcia.

Os cultos ofiolátricos egípcios são, portanto, uma acção positiva, intencional, voluntária, destinada a captar os dinamismos activos que a tradição e a mundividência egípcia fixaram para as serpentes. A sua existência prova o efectivo reconhecimento da actuação das serpentes na vida quotidiana das comunidades e dos receios, medos e temores que lhes eram votados.

A mesma lógica parece associar-se à colocação da serpente no mundo extra-terreno e à sua temível actuação nesse contexto. Ao remeter também as serpentes para os espaços da Am-Duat, do Além *post-mortem*, como força incontornável de confronto com o defunto,

¹ Cf. Eliade (1977) 493-495.

² Cf. Sales (1999).

o antigo Egípcio comprovou a importância física e metafísica da serpente e do seu simbolismo como força caótica, maléfica, destruidora.

As representações parietais pintadas no interior dos túmulos do Vale dos Reis são de uma pluralidade extraordinária, em termos formais e cromáticos, com fins eminentemente temíveis e ameaçadores. Desde pequenas e aparentemente inofensivas serpentes até autênticos monstros, gigantescos, roliços e terríveis, passando por serpentes erguidas, rastejantes ou aladas, com várias cabeças, com pernas e cabeças humanas, de tudo um pouco se pode encontrar.

Se a mundividência egípcia reconheceu e aceitou as *hefau* como uma força dinâmica do Cosmos, capaz de afectar o quotidiano de vivos e mortos, no Aquém e no Além, é também compreensível que o elemento serpente (*naja haje*) tenha sido elevado à categoria de insígnia protectora. Deuses e faraós não enjeitaram como seu eloquente emblema de poder *uraeus* simples ou compostas, erectas, distendendo-se ou enrolando-se nas suas coroas, toucados ou coberturas de cabeça.

Se a serpente protege e auxilia deuses e faraós como emblema de poder, ela pode também funcionar como elemento apotropaico de monumentos, de edifícios ou de partes de edifícios, de decoração de peças de mobiliário e de joalheria e de amuleto.

Significativamente, no âmbito dos signos hieroglíficos egípcios, as serpentes surgem arroladas com 7 representações distintas (Gardiner, I 9-15), sendo duas delas (I 9 e I 10) usadas como unilíteras ou bilíteras: a víbora cornuda (*cerastes cornutus*, *cerastes cerastes* ou *cerastes aegyptiacus*) para o som «f»³ e a cobra ziguezagueante *djet* em repouso (*Naja mossambica*) para o som «dj», respectivamente. A *naja haje* ou *uraeus* está classificada como o signo I 12⁴.


Servem estas considerações de enquadramento genérico à análise específica que propomos neste texto: o levantamento e tratamento das serpentes existentes nos objectos expostos da colecção egípcia permanente do Museu Calouste Gulbenkian – Lisboa, bem como nos constantes nas reservas, naquele que é para muitos, em termos globais, o mais representativo *corpus* musealizado do antigo Egipto existente em Portugal.

³ Uma possível explicação para a leitura fonética reside no silvo emitido pela serpente, que pode ser ouvido a vários metros de distância. Estaríamos perante uma onomatopeia – Cf. Gardiner (1947) 69; Newberry (1948) 118.

⁴ Cf. Gardiner (1982) 476, 545.

Desde logo, é preciso mencionar que a colecção egípcia do Museu Calouste Gulbenkian é composta por 54 peças: 40 expostas e 14 conservadas nas reservas. Como escreve João Castel-Branco Pereira, Director do Museu, na abertura do catálogo relativo à arte egípcia, editado em 2006, a propósito da importância deste núcleo no âmbito das colecções do Museu: «O núcleo de Arte Egípcia é o mais pequeno mas tem sido reconhecido pelos especialistas de várias gerações como um dos mais importantes da Colecção — pela raridade e excepcional qualidade das peças, a sua variedade formal e iconológica e a clara estrutura cronológica —, permitindo um contacto com monumentos de um extenso ciclo histórico entre o Império Antigo e a presença de Roma.»⁵

Das 54 peças reunidas no Catálogo de 2006, 17 apresentam relação directa com o nosso tema (16 das peças expostas e uma das reservas). Vejamos, de forma detalhada e comentada, cada uma delas.

A mais antiga das peças que integra este *corpus* é o *Baixo-relevo da princesa Meritités (Fig. 1)*. Trata-se de um fragmento de baixo-relevo de calcário policromo retirado do túmulo da IV Dinastia da princesa Meritités e de seu marido Akhtihotep, em Guiza. Tem 23 cm de altura por 31,5 cm de largura e apresenta duas figuras femininas a ladear uma cartela composta por duas cordas, onde está inscrito em escrita hieroglífica o nome do faraó Khufu. Trata-se, realmente, do nome da dama da direita, filha do casal Meritités/Akhtihotep, composto com o nome do faraó⁶. No caso desta peça, a serpente surge na inscrição, como signo hieroglífico I 9 (víbora com chifres). É o fonograma unilítero *f* na palavra *Khufu*: .

Por seu turno, a *Cabeça do rei Senuseret III (Fig. 2)* mostra-nos uma outra utilização da serpente: trata-se de uma magnífica cabeça fragmentada em obsidiana do faraó Senuseret III (XII Dinastia), com 12 cm de altura. O faraó usa o toucado *nemsit* (*nemes*), onde se notam as listras incisadas do mesmo, tendo à frente a serpente sagrada *iares* (*uareus*), já sem cabeça, que desliza desde o cimo do toucado⁷. A serpente em postura excitada cumpre aqui, portanto, a função de símbolo protector e insígnia do poder faraónico.


⁵ In Araújo (2006) 9.

⁶ Cf. Araújo (2006) 60.

⁷ Cf. Araújo (2006) 66-68.

Também a peça seguinte do núcleo egípcio (**Fig. 3**), identificada como *Estatueta de Més*, apresenta duas vezes o fonograma unilítero *f* (signo hieroglífico G I 9) na inscrição⁸:



Estamos perante uma estatueta de calcário policromo, com 22 cm de altura, do princípio da XVIII Dinastia, representando um homem chamado Més, que lhe foi dedicada por uma irmã, cujo nome se desconhece. A figura, de braços estendidos ao longo do corpo, flectidos pelos cotovelos, está sentada numa cadeira de base cúbica. Na mão direita segura uma pequena flor de lótus estilizada, pousada sobre as pernas. Em volta do pescoço tem pintado um colar de duas voltas, um tanto apagado, de onde pende um escaravelho alado. É na parte lateral direita do assento que se encontra a inscrição hieroglífica, onde aparece duas vezes o signo hieroglífico I 9: .

Datada do Império Novo (XVIII Dinastia), a *Cabeça do rei Amenhotep III* (**Fig. 4**), é uma pequena cabeça em pasta de vidro azul, com 3,7 cm de altura, do faraó Amenhotep III, na fase da sua adolescência, que exhibe a coroa *kheprech* com decoração de pequenos círculos incisos. À frente têm três orifícios para a colocação da serpente sagrada *iareset* (*uraeus*), provavelmente de ouro, hoje desaparecida, que vinha deslizando desde cima⁹. Tal como no caso da *Cabeça do rei Senuseret III*, a serpente cumpria a função de símbolo protector e insígnia do poder faraónico, embora naquele caso esteja presente e neste se encontre ausente.

O mesmo se passa com a peça do Cat. n.º 8/Inv. n.º 48, designada *Cabeça de faraó* (**Fig. 5**), em pasta de vidro azul e faiança esmaltada, com 7 cm de altura, também datada do Império Novo, provavelmente da XVIII Dinastia ou início da XIX Dinastia. Esta cabeça exhibe a coroa *kheprech*, feita de pasta de vidro azul, com um minucioso pontilhado inciso sugerindo os círculos típicos da coroa, na dianteira da qual

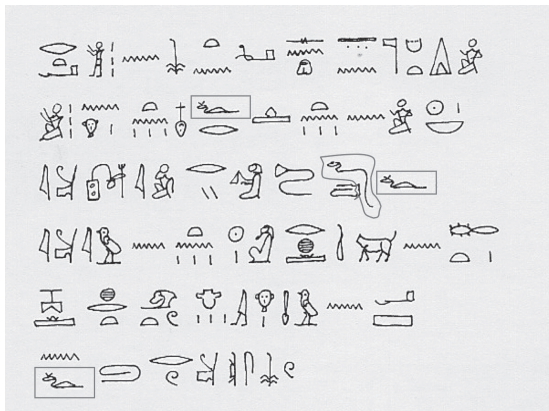
⁸ Araújo (2006) 70.

⁹ Cf. Araújo (2006) 74-75. Vide <http://museu.gulbenkian.pt/Museu/pt/Colecao/Antiguidade/ArteEgipcia/Obra?a=163>.

surge um orifício onde se encaixaria a serpente sagrada *iaret* (*uraeus*), provavelmente de ouro¹⁰. A insígnia real em forma de serpente não é hoje visível, mas não há dúvidas quanto à sua integração na peça original.

A *Estela do escriba Iri* (**Fig. 6**) é uma estela de calcário, policromo, com 29 cm de altura e 21,6 cm de largura, datada da XVIII Dinastia, que se desenvolve em dois registos e que no caso do nosso tema é muito interessante por apresentar, por assim dizer, serpentes de dois tipos: como elemento protector da coroa real e do faraó e como componentes da escrita hieroglífica.

No registo superior, surge um santuário (*kari*) onde estão sentados, voltados à direita, em seus tronos, o rei Ahmés (fundador da XVIII Dinastia) e a rainha Ahmés-Nefertari. O faraó exhibe a coroa *kheprech* com *uraeus*, segurando na mão direita o símbolo *ankh* e na esquerda um ceptro real *hekat*. A rainha, por seu turno, apresenta-se com uma coroa *chuti*, de compridas penas, sobreposta ao toucado em forma de abutre, característico das rainhas e deusas-mãe egípcias¹¹. A típica serpente *uraeus* presente neste baixo-relevo assume as suas valências simbólicas e protectoras no âmbito da ideologia faraónica egípcia.

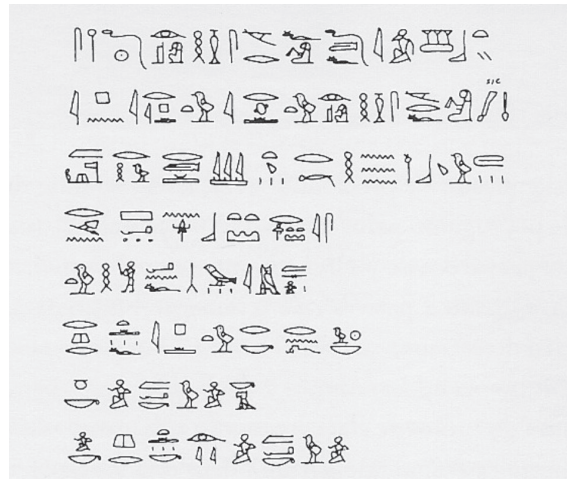


¹⁰ Cf. Araújo (2006) 76, 77.

¹¹ Era o grifo ou abutre fuscado (*Gyps fulvus*) a espécie particular do animal (penugem castanho-amarelada, com cerca de 1,2 m de comprimento e uma envergadura das asas de cerca de 2,7 m) que usualmente era vinculado às deusas e à realeza. É esta ave que aparece associada nos toucados a divindades como, por exemplo, Nekhebet, Mut, Ísis, Hathor ou Satet, ou a rainhas como Iput I, Hathepsut, Tié e Nefertari.

No registo inferior, o escriba Iri, com o crânio rapado, ajoelhado e com as mãos em pose de adoração, faz uma prece, a qual aparece inscrita em hieróglifos à sua frente¹². Nesta inscrição, o signo hieroglífico unilítero I 9 (víbora com chifres) de valor fonético *f* surge três vezes, enquanto a bilítera *dj*, o signo hieroglífico I 10 (cobra em repouso), surge uma vez¹³.

A peça registada no Catálogo com o nº 11/ nº de Inventário 166, *Estatueta funerária de Hesmeref (Fig. 7)*, com 24 cm de altura, datada da XVIII Dinastia, volta a apresentar-nos os hieróglifos-serpentes I 9 (cinco vezes) e I 10 (duas vezes). Sob o cruzamento dos braços deste delicado e notável bronze está representada a deusa Nut alada, com o respectivo nome hieroglífico escrito por cima da imagem divina, seguida por um texto hieroglífico, gravado em oito linhas horizontais delimitadas por traços incisos¹⁴:





A serpente como símbolo protector volta a surgir na *Cabeça da deusa Hathor (Fig. 8)*. Este fragmento de sistro votivo hathórico, em faiança verde, com 11 cm de altura, datado da XXVI Dinastia, a que falta o cabo, geralmente com a forma de um caule de lótus estilizado, tem na parte superior a cabeça da deusa Hathor, com orelhas

¹² Cf. Araújo (2006) 80-83. Vide <http://museu.gulbenkian.pt/Museu/pt/Colecao/Antiguidade/ArteEgipcia/Obra?a=166>.

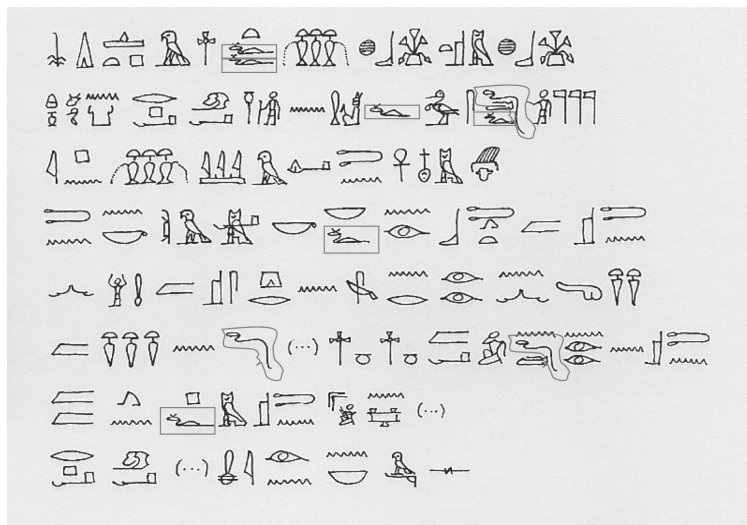
¹³ Araújo (2006) 82.

¹⁴ Araújo (2006) 84.

Temos, portanto, o signo hieroglífico I 9 (víbora com chifres), fonograma unilítero *f*,  (uma vez, no início da terceira linha) e o signo hieroglífico I 14 (serpente), usado como determinativo,  (uma vez, no final da linha dois). É o único caso em que nos aparece o signo I 14.

Em termos de hieróglifos-serpentes, a *Estatueta do funcionário Bés* (**Fig. 11**) é, digamos assim, a peça do núcleo de arte egípcia do Museu Calouste Gulbenkian com maior número (treze casos), na medida em que nos apresenta nas suas inscrições dez vezes o signo Gardiner I 9 e três vezes o signo I 10. Trata-se de uma estatueta de calcário compacto, de grão fino, com 32,2 cm de altura e 20,9 cm de largura, representando Bés, um funcionário egípcio da corte do rei Psamtek I, fundador da XXVI Dinastia, em pose acorçada e com cabeleira em saco. As inscrições feitas na base, no saiote e nas costas da estatueta dão informações sobre Bés. O texto principal, gravado em bons signos hieroglíficos, encontra-se no pilar dorsal, em quatro colunas verticais delimitadas¹⁷.

Na inscrição do pilar dorsal, o fonograma unilítero *f*, signo I 9 (víbora com chifres), surge 6 vezes, enquanto a bilítera *dj*, I 10 (serpente), surge três vezes¹⁸:



¹⁷ Cf. Araújo (2006) 122. Vide <http://museu.gulbenkian.pt/Museu/pt/Colecao/Antiguidade/ArteEgipcia/Obra?a=53>.

¹⁸ Araújo (2006) 122.

O signo hieroglífico I 9 (víbora com chifres) volta a surgir nesta peça mais quatro vezes, duas na inscrição do pedestal, em cima, e duas no pedestal, em baixo¹⁹. Em cima: ; em baixo: .

Se a *Estatueta do funcionário Bés* é a peça do núcleo de arte egípcia do Museu Calouste Gulbenkian que mais hieróglifos-serpentes apresenta, a *Barca solar de Djedhor* (**Fig. 12**) é a mais completa em termos de hieróglifos-serpentes, serpentes-insígnias e serpentes decorativas.

A *barca solar de Djedhor* é uma insígnia processional em bronze, da Época Baixa, com 31,3 cm de altura e 26,3 cm de comprimento, dedicada a Djedhor, que representa uma antiga barca do Nilo, onde se podem ver pequenas estatuetas de várias divindades que ostentam a serpente *uraeus* como insígnia protectora e de poder: ladeando a entrada da cabine central, em forma de santuário, Ísis (com os chifres de vaca em torno do disco solar sobre a cabeça e com uma pequena *uraeus* na frente) e Néftis (com os hieróglifos do seu nome sobre a cabeça e também com uma pequena *uraeus* na frente); Hórus, em forma de falcão coroadado com a *pa-sekhemeti* (pousado sobre o santuário); Ré-Horakhti de pé (no interior) e Sobek, em forma de crocodilo (suportando a barca), além de uma esfinge real, erguida, na parte dianteira da embarcação, coroadada com duas altas plumas, cornamenta de carneiro e uma serpente sagrada, usando também uma pera divina, e de um timoneiro na popa (o defunto)²⁰.

Nas pequenas estatuetas de bronze da barca solar, a serpente-*uraeus* surge representada de forma tridimensional quatro vezes, pois também a estatueta de Ré-Horakhti, em representação bimórfica (corpo humano com cabeça de falcão), no interior do santuário, apresenta um generoso disco solar sobre a cabeça, de onde emerge uma serpente sagrada *uraeus*.

Na parte superior da cabine, em trabalho aberto, com incisões que recortam as paredes, voltam a aparecer, de um lado e do outro, as deusas Ísis e Néftis, de asas abertas em torno de um tufo central de vegetação estilizada, com as mesmas insígnias sobre a cabeça, embora, devido à reduzida dimensão das representações, não se

¹⁹ Araújo (2006) 122.

²⁰ Cf. Araújo (2006) 132-135. Vide <http://museu.gulbenkian.pt/Museu/pt/Colecao/Antiguidade/ArteEgipcia/Obra?a=51>.

consiga determinar se há ou não serpentes-*uraeus* nestas incisões bidimensionais.

Incisas na parte inferior das paredes laterais externas da cabine central há representações dos deuses Ré-Horakhti (no lado direito) e Atum (no lado esquerdo), entronizados, recebendo actos de adoração do defunto Djedhor. Ambos seguram compridos ceptros *uas* (Ré-Horakhti na mão esquerda e Atum na mão direita) e signos-*ankh* (Ré-Horakhti na mão direita e Atum na mão esquerda). A representação incisa de Atum mostra o deus heliopolitano usando a coroa *pa-sekhemeti*. Por sua vez, Ré-Horakhti apresenta a serpente sagrada *uraeus* em torno do disco solar, desta feita numa representação bidimensional.

No casco da embarcação, há uma inscrição incisa onde surge uma vez o signo I 10 (fonograma *dj*): . Também as inscrições incisas na parte inferior das paredes laterais externas esquerda e direita da cabine central apresentam o mesmo signo (uma vez de cada lado), como componente do nome Djedhor: .

A parte superior da cabine central da embarcação, em forma de santuário, é decorada frontalmente com um friso de 12 erguidas e atentas serpentes sagradas solarizadas²¹. Cumprem em relação ao edifício sagrado a mesma função protectora que desempenham nas frentes reais e divinas. São, assim, junto com os demais elementos, um suplementar meio de defesa e auxílio do deus Ré-Horakhti, o habitante divino do santuário em causa.

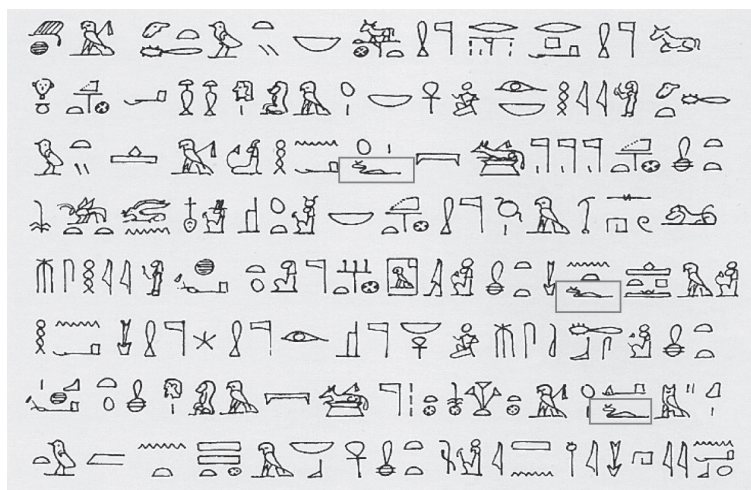
A *Estátua de Djedhor (Fig. 13)* é uma estátua de basalto não polido, com 54 cm de altura, datada do início da dinastia ptolomaica, que representa Djedhor (homónimo do da peça anterior), ajoelhado, com a típica cabeleira em saco, exibindo um pequeno santuário com uma imagem do deus Osíris, em pose mumiforme, com coroa *hedjet* com altas plumas laterais e mãos sobrepostas, segurando os ceptros *hekat* e *nekhakha*²². O pilar dorsal desta estátua naófora apresenta uma inscrição hieroglífica que continua pelas duas linhas inscritas na base, onde surgem o nome e títulos de Djedhor e os nomes e títulos dos seus familiares²³.

²¹ Por lapso, o catálogo da colecção egípcia do Museu Calouste Gulbenkian indica que o friso é «de seis serpentes sagradas solarizadas» – Araújo (2006) 132.

²² Curiosamente, a coroa de Osíris, ao contrário das peças Cat. n.º 26 e 51, que também representam o deus dos mortos do antigo Egipto, não tem serpente-*uraeus*.

²³ Cf. Araújo (2006) 136-139.

No texto do pilar e das partes laterais do pedestal surge por três vezes o signo hieroglífico I 9 (víbora com chifres), como fonograma unilítero *f*²⁴:



O *Modelo de Esfinge* (**Fig. 14**) é uma pequena estátua de calcário, com 14 cm de altura e 27 cm de comprimento, datada do início da dinastia ptolomaica, que representa um leão com cabeça humana, uma das formas típicas de apresentação de uma esfinge (esfinge antropocéfala). Trata-se de um modelo de escultor aparentemente inacabado que apresenta uma serpente sagrada (hoje fracturada) que deslizava do alto do toucado *nemes*, liso, sem qualquer marca de listras, e irrompia na frente²⁵. Estamos, novamente, perante uma peça que consagra a presença da serpente sagrada como elemento protector.

Com igual função e como elemento de poder dos faraós das Duas Terras, voltamos a detectar a serpente-*uraeus* na peça identificada como Cat. n.º 36/Inv. n.º 167, designada *Baixo-relevo de um faraó* (**Fig. 15**). Trata-se de uma placa de calcário fino e em relevo acentuado, com 24 cm de altura e 18 cm de largura, datada do início da dinastia ptolomaica, representando a cabeça de um faraó, que parece ter sido o estudo para a elaboração de um retrato.

²⁴ Araújo (2006) 136.

²⁵ Cf. Araújo (2006) 140, 141.

A cabeça está de perfil, coberta pela coroa *kheprech*, preenchida com pequenos e delicados círculos e adornada pela serpente sagrada *uraeus* que vem deslizando pela parte frontal da coroa e pelo falcão hórico, de asas abertas com um disco solar sobre a cabeça e o signo *chen* nas garras, na parte de trás da coroa. A serpente sagrada tem decoração em relevo no pescoço tumefacto, mostrando escamas dilatadas, com um olho redondo ocupando a maior parte da cabeça²⁶.

A *Estatueta do deus Harpócrates* (**Fig. 16**) é a última das 16 peças expostas ao público no núcleo egípcio. Datada do início da dinastia ptolomaica, esta pequena figura de prata (alt.: 8,5 cm) é um amuleto que representa Horpakhered ou Harpócrates coroado com a dupla coroa, com os símbolos da infância: nudez, dedo indicador da mão direita na boca e trança de cabelo pendente, em remate espiralado, caída sobre o ombro direito, a sair da base da coroa. A *pa-sekhemeti* tem a serpente sagrada frontal, hoje muito erodida²⁷.

Nas reservas do Museu há uma estatueta da Época Baixa similar à peça do Cat. n.º 26/Inv. n.º 404 (**Fig. 9**), também de bronze e igualmente referenciada como *Estatueta do deus Osíris* (**Fig. 17**). Ligeiramente menor (15,6 cm de altura e 4,2 cm de largura), esta peça representa da mesma forma o deus dos mortos: mumiforme, com as mãos irrompendo e segurando nas mãos ceptros *hekat* (na mão esquerda) e *nekhakha* (na mão direita). Ostenta também a barba postiça e a coroa *hedjet* com uma pluma de cada lado, onde figura a serpente sagrada *iaet* (*uraeus*), como símbolo de poder e de protecção²⁸.




Conclusões

As serpentes do núcleo de arte egípcia do Museu Calouste Gulbenkian podem, portanto, ser divididas em dois grandes grupos: as serpentes-hieróglifos e as serpentes-insígnias, sendo que neste último caso abrangem as serpentes-*uraeus* usadas por faraós e deuses nas suas frentes e as serpentes solarizadas de protecção a monumentos/edifícios.

²⁶ Cf. Araújo (2006) 142, 143. Vide <http://museu.gulbenkian.pt/Museu/pt/Colecao/Antiguidade/ArteEgipcia/Obra?a=52>.

²⁷ Cf. Araújo (2006) 144, 145.

²⁸ Cf. Araújo (2006) 164.

Em relação ao primeiro grupo (serpentes-hieróglifos), integram-se nesta categoria 8 das 17 peças: as peças com os números de Catálogo 2, 5, 10, 11, 27, 28, 33 e 34. Só há três serpentes-hieróglifos representadas: I 9,  (num total de 25 ocorrências), I 10,  (total de 8 casos) e I 14,  (uma só ocorrência). Como mencionámos, a *Estatueta do funcionário Bés* (Fig. 11) é a peça que maior número de serpentes-hieróglifos congrega (13 no total: 10 signos I 9 e 3 hieróglifos I 10). O signo de Gardiner I 14 só surge na *Estátua da dama Chepés* (Fig. 10). Não há nenhuma peça que reúna as três serpentes-hieróglifos.

As serpentes-insígnias (segundo grupo) surgem patentes, de forma explícita ou implícita, em 11 peças do núcleo de arte egípcia: peças com os números de Catálogo 4, 7, 8, 10, 25, 26, 33, 35, 36, 37 e 51. No total, estamos a falar de 15 ocorrências em que a serpente-*uraeus* nos aparece como símbolo de protecção e/ou de poder. A *Barca solar de Djedhor* (Fig. 12) é a peça que mais contribui para este total, com 5 ocorrências (quatro em representações tridimensionais e uma em representação bidimensional).

Das 15 ocorrências, 8 estão associadas a divindades e apenas 7 a faraós. De facto, a serpente-insígnia surge associada às divindades Hathor (Fig. 8), Osíris (Figs. 9 e 17), Harpócrates (Fig. 16), Ísis, Néftis e Ré-Horakhti (Fig. 12 – uma vez para cada uma das deusas e duas vezes para o deus-solar). No caso de Osíris, a serpente-*uraeus* está associada à coroa típica do deus dos mortos; no caso de Harpócrates surge na dianteira da coroa dupla e no caso de Ré-Horakhti está associada ao disco solar que encima a cabeça de falcão do grande deus de Heliópolis, ora surgindo em torno do disco solar (representação bidimensional), ora emergindo do disco solar (representação tridimensional). No que se refere às deusas: a serpente associada a Hathor emerge de um santuário sobre a sua cabeça; no caso de Ísis e de Néftis, embora de reduzidas dimensões, a serpente sagrada emerge das suas fronteiras, embora em conjugação com os chifres liri-formes solarizados (Ísis) e com os hieróglifos identificadores (Néftis).

Em contexto real, a serpente-*uraeus* aparece associada ao toucado *nemes* (duas vezes: Figs. 2 e 14) e à coroa *kheprech* (quatro peças: Figs. 4, 5, 6 e 15). Integra-se também neste grupo a esfinge real de pé da *Barca solar de Djedhor* (Fig. 12), onde a cobra-*uraeus* é também um eficaz elemento de propaganda da superioridade real, mau grado as dimensões muito reduzidas do exemplar. Pela dimensão das peças, é na *Cabeça do rei Senuseret III* (Fig. 2) e no *Baixo-re-*


levo de um faraó (Fig. 15) que melhor se percebe a posição defensiva e protectora, de pescoço intumescido, da cobra sagrada.

No núcleo de arte egípcia do Museu Calouste Gulbenkian, a serpente protectora dos faraós, a *iaet* ou *uraeus*, forma, ainda hoje, uma unidade simbólica em três casos (Figs. 2, 6 e 15), embora tenha sido originalmente parte integrante de outros três casos (Figs. 4, 5 e 14), mas que hoje já não apresentam a serpente ou a apresentam fracturada ou erodida, dois deles em associação com a *kheprech* (Figs. 4 e 5) e o outro com o *nemes* (Fig. 14).





As serpentes-insígnias associadas à protecção de monumentos/edifícios estão presentes no delicado friso de doze cobras excitadas com o disco solar sobre a cabeça que remata a parte superior da entrada do santuário da *barca solar de Djedhor* (Fig. 12). Neste remate decorativo, a *naja haje* mostra o seu pescoço inchado, tal como na dianteira das coroas reais e divinas, pronta a cuspir veneno para os olhos dos potenciais inimigos ou adversários.

Por fim, assinale-se que das 17 peças tratadas, apenas duas apresentam simultaneamente serpentes-hieróglifos e serpentes-insígnias: a *Estela do escriba Iri* (Fig. 6) e a *Barca solar de Djedhor* (Fig. 12).




ANEXO: QUADRO DE SÍNTESE




Nº de catálogo e de inventário; Designação da peça	Figuras ²⁹	Tipologia de serpente	
		serpente- -hieróglifo	serpente- -insígnia
Cat. 2/Inv. 159; Baixo-relevo da princesa Meritités	 Fig. 1	1 vez 9	_____

²⁹ Todas as figuras têm ©Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa Museu Calouste Gulbenkian, foto: Catarina Gomes Ferreira




<p>Cat. 4/Inv. 138; Cabeça do rei Senuseret III</p>	 <p>Fig. 2</p>	<p>_____</p>	<p><i>Nemes com uraeus</i></p>
<p>Cat. 5/Inv. 402; Estatueta de Més</p>	 <p>Fig. 3</p>	<p>2 vezes 9</p>	<p>_____</p>
<p>Cat. 7/Inv. 139; Cabeça do rei Amenhotep III</p>	 <p>Fig. 4</p>	<p>_____</p>	<p><i>Kheprech com uraeus</i></p>
<p>Cat. 8/Inv. 48; Cabeça de faraó</p>	 <p>Fig. 5</p>	<p>_____</p>	<p><i>Kheprech com uraeus</i></p>


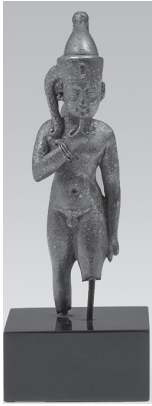

SERPENTES NA COLEÇÃO EGÍPCIA DO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

<p>Cat. 10/Inv. 160; Estela do escriba Iri</p>	 <p>Fig. 6</p>	<p>3 vezes 9 1 vez 10</p>	<p><i>Kheprech com uraeus</i></p>
<p>Cat. 11/Inv. 166; Estatueta funerária de Hesmeref</p>	 <p>Fig. 7</p>	<p>5 vezes 9 2 vezes 10</p>	<p>_____</p>
<p>Cat. 25/Inv. 411; Cabeça da deusa Hathor</p>	 <p>Fig. 8</p>	<p>_____</p>	<p><i>Uraeus</i></p>

<p>Cat. 26/Inv. 404; Estatueta do deus Osíris</p>	 <p>Fig. 9</p>	<p>_____</p>	<p>Coroa de Osíris com <i>uraeus</i></p>
<p>Cat. 27/Inv. 400; Estátua da dama Chepés</p>	 <p>Fig. 10</p>	<p>1 vez 9 1 vez 14</p>	<p>_____</p>
<p>Cat. 28/Inv. 158; Estatueta do funcionário Bés</p>	 <p>Fig. 11</p>	<p>10 vezes 9 3 vezes 10</p>	<p>_____</p>

SERPENTES NA COLECÇÃO EGÍPCIA DO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

<p>Cat. 33/Inv. 168; Barca solar de Djedhor</p>	 <p>Fig. 12</p>	<p>3 vezes 10</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Ísis com <i>uraeus</i> - Néftis com <i>uraeus</i> - esfinge real com <i>uraeus</i> -Ré-Ho-rakhti com <i>uraeus</i> (2 x) - friso de 12 <i>uraeus</i> solarizadas
<p>Cat. 34/Inv. 403; Estátua de Djedhor</p>	 <p>Fig. 13</p>	<p>3 vezes 9</p>	<p>_____</p>
<p>Cat. 35/Inv. 401; Modelo de Esfinge</p>	 <p>Fig. 14</p>	<p>_____</p>	<p><i>Nemes</i> com <i>uraeus</i></p>

<p>Cat. 36/Inv. 167; Baixo-relevo de um faraó</p>	 <p>Fig. 15</p>	<p>_____</p>	<p><i>Kheprech com uraeus</i></p>
<p>Cat. 37/Inv. 161; Estatueta do deus Harpócrates</p>	 <p>Fig. 16</p>	<p>_____</p>	<p><i>Pa-sekhe- meti com uraeus</i></p>
<p>RESERVAS Cat. 51/Inv. 1050; Estatueta do deus Osiris</p>	 <p>Fig. 17</p>	<p>_____</p>	<p>Coroa de Osiris com <i>uraeus</i></p>

Bibliografia

- C. Andrews (1994), *Amulets of ancient Egypt*, London, British Museum Press.
- L. M. de Araújo (2001), *Dicionário do Antigo Egípto*, Lisboa, Editorial Caminho.
- ____ (2006), *Arte Egípcia. Coleção Calouste Gulbenkian*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- M. H. Assam (1991), *Arte Egípcia*, Lisboa, Museu Calouste Gulbenkian.
- J. Assmann (2003), *Mort et au-delà dans l'Égypte ancienne*, Monaco, Éditions du Rocher.
- S. H. Aufrère (2013), «Serpents, magie et hiéroglyphes », *ENIM* 6, 93-122.
- N. Beaux et S. M. Goodman (1993), «Remarks on the reptile signs depicted in the White Chapel of Sesostri 1 at Karnak», *Cahiers de Karnak* 9, 109-120.
- P. Collombert (2005-7), «Renenoutet et Renenet», *BSÉG* 27, 21-32.
- V. A. Donohue (1992), «The goddess of the Theban Mountain», *Antiquity* 66, 871-885.
- M. Eliade (1977), *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Edições Cosmos.
- A. Gardiner (1947), *Ancient Egyptian Onomastica, Vol. II*, Oxford, Oxford University Press.
- ____ (1982), *Egyptian grammar being an introduction to the study of hieroglyphs*, 3^a ed., Oxford, Griffith Institute.
- N. B. Hansen (2001), «Snakes» in D. Redford, ed., *The Oxford Encyclopedia of ancient Egypt*, Vol. 3, Oxford, Oxford University Press, 296-299.
- G. Hart (1986), *A dictionary of Egyptian gods and goddesses*, London/NewYork, Routledge & Kegan Paul.
- S. B. Johnson (1990), *The cobra goddess of Ancient Egypt. Predynastic, Early Dynastic, and Old Kingdom periods*, London, Routledge.
- L. Keimer (1947), *Histoire des serpents dans l'Égypte ancienne et moderne*, MIE 50, Le Caire, Institut Français d'Archéologie Orientale.
- B. Mundkur (1983), *The Cult of the Serpent. An Interdisciplinary Survey of its Manifestations and Origins*, New York, State University of New York Press.
- M. A. Murray (1948), «The serpent hieroglyph», *JEA* 34, 117-118.
- P. E. Newberry (1948), «Fy 'cerastes'», *JEA* 34, 118.
- P. A. Piccione (1990), «Mehen, Mysteries and Resurrection from the Coiled Serpent», *JARCE* 27, 43-52.
- B. Rothöhler (1999), «Mehen, God of the Board Games», *Board Game Studies* 2, 10-23.
- J. C. Sales (1999), *As divindades egípcias. Uma chave para a compreensão do Egípto antigo*, Lisboa, Editorial Estampa.
- S. Sauneron (2012), *Un traité égyptien d'ophiologie – Papyrus du Brooklyn Museum nos 47.218.48 et 85*, Le Caire, Institut Français d'Archeologie Orientale.
- A. Schweizer (2010), *The sungod's journey through the Netherworld. Reading the Ancient Egyptian Amduat*, Ithaca, Cornell University Press.

- J. B. Sellers (2012), *The death of gods in ancient Egypt. An essay on Egyptian religion and the frame of time*, London, Penguin Books.
- D. Silverman (1991), «Divinity and deities in ancient Egypt» in B. Shafer, ed. *Religion in Ancient Egypt: gods, myth and personal practice*, Ithaca, Cornell University Press, 7-87.
- A. Spalinger (1998), «The Limitations of Formal Ancient Egyptian Religion», *JNES* 57, 241-260.
- J. H. Taylor (2001), *Death & the afterlife in Ancient Egypt*, London, The Trustees of the British Museum.
- P. Vernus et J. Yoyotte (2005), *Bestiaire des pharaons*, Paris, Éditeur Agnès Viénot.
- R. Wilkinson (1999), *Symbol and Magic in Egyptian Art*, London, Thames & Hudson.
- _____ (2003), *The complete gods and goddesses of ancient Egypt*, Cairo, The American University in Cairo Press.